

Apresentação

Bianca Antunes Cortes
Ignez Maria Ferreira Siqueira
Lúcia Maria Dupret Vassalo do Amaral Baptista

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

AMÂNCIO FILHO, A., and MOREIRA, MCGB., orgs. *Saúde, trabalho e formação profissional* [online]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997. 138 p. ISBN 85-85471-04-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

APRESENTAÇÃO

Decorridos tantos anos do evento que hoje nos é apresentado em forma de livro, julgamos pertinente compartilhar com o leitor os vestígios de uma história (estória?) que sobrevivem à leviandade de nossa memória, sempre, e cada vez mais, suscetível aos modismos e novidades. E, ingenuidade seria negar, vestígios marcados pela certeza do ineditismo dos que foram autores e personagens de um projeto nos primórdios de sua construção.

Contamos com a generosidade do leitor para com as paixões das que fazem esta apresentação. Todavia, reconhecemos, essa generosidade não precisará ser exagerada, pois, afinal de contas, sempre resta a certeza de que, nos textos que compõem este livro, está salvaguardada a objetividade da discussão.

Quanto à sua paciência... não podemos abrir mão. Paciência para atravessar esta apresentação, o prefácio, a introdução. Sem estes itens, isto que se apresenta não poderia ser reconhecido como um livro... Paciência (ou crença?) para com uma apresentação realizada a seis mãos, em que três personagens daquele “contexto histórico” pretendem sintetizar os fragmentos da memória de um grupo de (ex)jovens, que, talvez por charme, ainda hoje se apresentam como inexperientes profissionais. Em comum, todas as personagens, provavelmente por falta de originalidade, no percurso destes sete anos que nos distanciam daquelas discussões, saíram em busca de ‘novidades’, e, inegavelmente, as versões que sobreviveram estão ‘contaminadas’ pelas ‘novidades’ apreendidas. Dito de outra forma, foram em busca do ‘aprimoramento’ profissional, e, não menos importante, não desistiram da briga pela ‘busca de si’. Registramos a suspeita de que, por não serem ‘competentes’ o suficiente para escapar das marcas do tempo em que vivem, todas as personagens tanto falam de 1989 como de um passado longínquo quando ousam retratar aqueles anos idos, quanto o fazem a partir do presente.

Mas, por maior (ou menor) que seja nosso compromisso com a objetividade, não conseguimos nos subtrair da certeza de que a vitalidade que pulsa neste livro só

poderá ser compartilhada se conseguirmos, mesmo que palidamente, transportar o leitor para as motivações dos que, por privilégio, viveram aquele momento.

Do que trata o projeto? Do que fala este livro? Da “Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: uma utopia em construção”.

Mas não se iludam (ou, se for o caso, não se assustem), não foram poucos os questionamentos e conseqüentes discussões sobre a pertinência da expressão ‘utopia’. Bobagens. O termo ficou, e cada um acreditou na sua. O que demonstra a pertinência do termo.

A referida expressão foi título de um documento elaborado em 1987, quando da realização do seminário Choque Teórico I, dois anos após o início das atividades desta Escola.

Dentre outros temas e projetos discutidos por Sérgio Arouca, Arlindo Fábio e Luiz Fernando na comemoração pelo desafio de assumir a direção da mais importante instituição de pesquisas biológicas na América Latina, estava o de resgatar uma tradição iniciada por Oswaldo Cruz: a articulação entre a pesquisa, a produção, as atividades específicas dos serviços de saúde e o ensino. Era a partir deste princípio que a futura Escola deveria assumir a tarefa de coordenar e instituir a formação de profissionais técnicos na Fundação Oswaldo Cruz. Joaquim Venâncio seria o arquétipo (ou mito?) desse projeto.

O que eu sei eu passo adiante – este foi o lema de um dos primeiros projetos assumidos pela Escola Politécnica, o *Fazendo e Aprendendo*. Um projeto que, dentre outros méritos, resgatou a tradição do princípio do trabalho fundamentado na relação mestre-aprendiz. Um projeto que nos permitiu constatar o orgulho do saber-fazer dos marceneiros, tipógrafos, jardineiros, mecânicos etc. Da mesma forma, pesquisadores de diferentes laboratórios da instituição se dispuseram ao exercício da arte da iniciação de jovens adolescentes nos ‘mistérios’ da pesquisa científica.

Não resistimos à tentação de demonstrar o quanto este foi um projeto pioneiro também no que se refere à preocupação com o social: a clientela era constituída por adolescentes, filhos dos funcionários que recebessem os menores salários na instituição, ou moradores das comunidades vizinhas. Os que participavam do projeto necessariamente deveriam comprovar suas matrículas na rede escolar de ensino e mensalmente recebiam uma bolsa de estudo. Caso o ‘jovem aprendiz’, por motivos justificados, estivesse afastado dos bancos escolares, a Escola ofertava a realização do ensino na forma supletiva.

Certamente, muitas das atividades desenvolvidas pela Escola Politécnica nos anos subseqüentes, como, por exemplo, o Programa de Vocação Científica e o Curso Técnico de Segundo Grau, em alguma medida, devem seus êxitos às iniciativas daquele projeto.

É importante destacar que os jovens adolescentes não eram nossa clientela exclusiva. Desde sua origem, a Escola desenvolve seu trabalho em duas vertentes

principais: uma voltada para a formação de futuros profissionais e outra destinada à qualificação e atualização de profissionais já inseridos no mercado de trabalho. Eram tempos da VIII Conferência Nacional de Saúde, eram tempos de discutir a implantação da Reforma Sanitária do País, reforma esta que, pela particularidade do processo de trabalho que se realiza no setor saúde, impunha a atualização e revisão do processo de formação educacional dos profissionais que atuam neste setor.

Por ser mais prazeroso e sedutor, iniciamos o trabalho pelo resgate da tradição. Afinal, como resistir aos encantos de Ricamor (Ritamor?)? Como não apresentarmos àquelas milícias que durante anos, da planície, construíram e desconstruíram planos para a ocupação do Castelo?

Correndo o risco da indiscrição... é bem verdade que, decorridos poucos dias da ocupação do Castelo, não foi difícil constatar a presença, dentre os sobreviventes que compunham a milícia, de marceneiros com alergia ao pó da madeira, entomologistas que nunca tiveram coragem de segurar uma barata, telefonistas surdas, sanitaristas que sabiam da existência de favelas por ouvir falar, porteiros mudos, assim como a inexistência de *expertos* em educação.

Aprender-fazer-ensinar-saber-fazer-ensinar-aprender... Assim foram nossos primeiros tempos.

Não nos faltava bom humor e restavam-nos resquícios de exercícios de *autocrítica*, uma prática que imaginamos tenha algum grau de parentesco com os exercícios de autoflagelação, muito comuns em algumas das diversas seitas medievais. Ouvimos dizer que Maria Beltrão, com o grupo da paleoparasitologia, encontrou, em suas escavações no *campus* de Manguinhos, alguns instrumentos que poderiam demonstrar que estes exercícios ainda eram praticados por contemporâneos de Oswaldo Cruz. Os trabalhos de interpretação ainda não foram concluídos, dizem, por culpa de um dos integrantes da equipe que insiste na hipótese de que estes eram instrumentos dos quais, vez ou outra, Ricamor lançava mão.

Quanto a nós, através desses exercícios de autocrítica e conforme os instrumentos que gradativamente estavam sendo introduzidos para avaliar a produtividade do trabalho desenvolvido, julgávamos que o desafio principal ainda não havia sido respondido: como atualizar o projeto de Oswaldo Cruz? Por quais caminhos, por quais referenciais teóricos responder aos desafios da formação de técnicos diante das transformações que ocorriam nos diferentes processos de trabalho neste final de século?

Não lembramos quem deu o nome, mas a busca de respostas a questões como estas nos levou à realização dos seminários denominados *Choque Teórico I* e *Choque Teórico II*, ocorridos, respectivamente, em 1987 e 1989. Provavelmente, o nome e a proposta surgiram por termos acreditado que corríamos o risco de excesso de pragmatismo, por estarmos excessivamente envolvidos pelas tarefas e paixões do cotidiano. Iniciava-se, de forma mais sistemática, a construção da prática da reflexão e formulação teórica dos trabalhos desenvolvidos pelos profissionais desta Escola.

De qualquer forma, vista de hoje, a denominação dada aos seminários nos parece extremamente adequada para marcar o ingresso da Escola no segundo dos desafios, a modernidade.

Resolvemos iniciar as discussões pelo aspecto em que os indicadores, objetivos, sugeriam estar nossa maior fragilidade: os assuntos da educação.

Fomos adotando e sendo adotados por novos mestres: Joaquim Alberto Cardoso de Melo e Gaudêncio Frigotto. Pelas mãos deles, fomos ampliando nossos círculos de discussões. Nesse momento, fomos privilegiados pela interlocução com Dermeval Saviani, Miriam Jorge Warde, Nilda Alves e Zaia Brandão.

Mas, em um aspecto, quando da feitura desta apresentação, não conseguimos convergir para uma conclusão: não tivemos condições de avaliar se fomos excessivamente modernos ou se, apesar dos esforços, nunca o fomos.

O fato é que o documento através do qual imaginávamos estar ingressando na "modernidade", aquele que fala de *uma utopia em construção*, insiste em que determinadas certezas deveriam continuar pautando o trabalho realizado por esta Escola: a certeza de que, apesar do caos, desorganização e desmoralização que sofrem os serviços públicos no País, a Fiocruz é uma instituição respeitada pela população e seu compromisso principal é com essa população; um documento que afirma que o projeto da Escola Politécnica não pretende mais do que explorar todas as potencialidades 'pedagógicas' da Fiocruz, a fim de que a população, mais do que simples usuária dos seus serviços e produtos, de fato tenha acesso ao conhecimento que aqui é produzido; um documento que se insere no interior de uma conjuntura em que o debate da saúde e da educação se colocam como coisa pública.

Se tínhamos ilusões de que o seminário nos apresentaria respostas às questões que a vivência do cotidiano do trabalho tinha apontado, rapidamente elas se dissiparam.

É bem verdade que rebuscamos nosso vocabulário, o que, por vezes, contribuiu para dificultar o diálogo, institucional ou pessoal. Passamos a falar de politécnica, de omnilateralidade, de reflexão da práxis, da divisão do trabalho intelectual e manual, da terceira (ou quarta?) revolução industrial. Afinal, a automação do processo de trabalho está a demandar maior ou menor qualificação do trabalhador? Mas, se a razão estiver do lado dos que concluem que este é um processo que acentua a desqualificação, como pensar a formação de técnicos em nível de segundo grau de ensino?

De qualquer forma, delineava-se o horizonte das questões a serem enfrentadas teórica e praticamente.

Sem considerar o tanto de convergência que possa existir no que se refere à definição das políticas sociais para as áreas da saúde e da educação, era preciso identificar os vasos intercomunicantes, no caso, definidores para uma proposta de formação de profissionais para o setor saúde.

Explicitou-se o entendimento de que a categoria *trabalho* era o eixo definidor da construção de uma proposta curricular. Trabalho entendido como capacidade exclusivamente humana de transformar a natureza, uma capacidade que permite ao homem produzir e modificar suas próprias condições de vida. Nas palavras de Dermeval Saviani, “é sobre a base do trabalho que surgiu a necessidade de conhecer a realidade e, portanto, a instrução e a educação”.

No mínimo, podemos testemunhar que o Choque Teórico I nos legou os seguintes desafios: definir uma proposta de formação profissional que buscasse a superação das dicotomias entre um ensino propedêutico e um ensino profissionalizante, entre a teoria e a prática, entre o saber e o fazer. Mas, acima de tudo, que os currículos e a prática pedagógica desenvolvidos nos cursos realizados por esta Escola, fossem os de formação ou os de qualificação profissional, não perdessem de vista a formação do homem em sua integridade, visto que a competência técnica não dispensa, ao contrário, exige o domínio dos conhecimentos produzidos pela humanidade.

Em relação àquele primeiro seminário, podemos constatar importantes avanços. O principal deles reside no fato de que o leitor não precisa depender dos fragmentos de nossas memórias. Sobreviveu um ‘fragmento’ em forma de ‘materialidade objetiva’. O que não nos impede de insistir em que este livro deve ser entendido como a continuação daquele diálogo. Deve ser apreendido como um dos fios que ao longo destes anos tem tecido os caminhos da utopia que motivou a construção da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.

É com grande emoção que nós, integrantes da comissão organizadora do seminário Choque Teórico II, cumprimos o papel de apresentar o leitor às discussões travadas naquele evento.

Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, novembro de 1996.

Bianca Antunes Cortes

Pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

Ignez Maria Ferreira Siqueira

Professora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz

Lúcia Maria Dupret Vassalo do Amaral Baptista

Professora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz